

## TURISMO CULTURAL E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO SOB O OLHAR DA COMUNIDADE DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS - MA

Bac. Karoliny Diniz Carvalho<sup>1</sup>

### Resumo:

Análise da visão dos moradores do Centro Histórico de São Luís - MA sobre o desenvolvimento do turismo cultural no bairro da Praia Grande. Discorre-se sobre as relações entre turismo e patrimônio cultural, enfatizando as potencialidades e as conseqüências sócio-econômicas e culturais decorrentes da valorização dos sites urbanos. O estudo aponta para a necessidade de se promover a sustentabilidade do patrimônio local, a partir do estímulo ao sentimento de valorização da comunidade em relação ao bairro da Praia Grande, a fim de que a mesma tenha acesso aos benefícios do turismo.

**Palavras-chaves:** patrimônio; turismo cultural; Praia Grande; comunidade

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
endereço eletrônico: [karol27\\_turismo@yahoo.com.br](mailto:karol27_turismo@yahoo.com.br)

## TURISMO CULTURAL E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO SOB O OLHAR DA COMUNIDADE DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS - MA

**Bac. Karoliny Diniz Carvalho**

### **Abstract:**

Analysis of the vision of the residents of the historic center of St. Louis - MOU on the development of tourism in the district of Praia Grande. Talks on the relations between tourism and cultural heritage, emphasizing the potential consequences and socio-economic and cultural advantages of the valuation of urban sites. The study points to the need to promote the sustainability of local heritage, from the stimulus to the recovery of the sense of community on the neighborhood of Praia Grande, so that it has access to the benefits of tourism.

**Keywords:** heritage, cultural tourism; Praia Grande; community

## 1. Introdução

Pensar a cidade enquanto representação social equivale identificar as nuances do comportamento humano, na medida em que ela constitui-se em materialidade, em seus construtos patrimoniais - e imaterialidade, resultante dos símbolos e significados conferidos pelos diferentes atores sociais ao longo dos processos históricos. O conceito de lugar guarda essa perspectiva, sendo entendido como o resultado de práticas sociais distintas e do sentimento de pertença que lhe é inerente.

Assim, o lugar equivale a uma representação, pois existe no real e transcende a ele, sendo imageado pelos indivíduos, tendo em vista os diferentes níveis de percepção espacial e do maior ou menor nível de inteligibilidade que o espaço geográfico adquire. Um fator condicionante em relação à identificação de uma determinada porção do espaço enquanto lugar diz respeito ao processo de identificação e de reconhecimento que os moradores possuem em relação aos espaços de sociabilidade e vivência cultural. Este sentimento é identificado por Yun-Fu Tuan (1980) como topofilia, ou seja, o apreço ou amor ao lugar, que se internaliza nos indivíduos à medida que ao se apropriarem do espaço, inserindo-o em seu cotidiano, reconhecem nele a própria extensão de sua vida.

Em se tratando da atividade turística, é factível que a mesma apropria-se do espaço geográfico, reinterpretando-o e provendo-o de uma nova dinamicidade e racionalidade, concernentes às expectativas do mercado. Nesse patamar, a experiência dos moradores em relação ao espaço turístico contrapõe-se do lugar de convívio intercultural e reciprocidade. A turistificação dos espaços urbanos e naturais ocasiona mudanças na dinâmica das populações tradicionais; substitui-se o caráter de afetividade e de significação inerentes ao patrimônio pela

sua vinculação a um bem de consumo, a presença de turistas interfere na rede de relacionamentos dos atores sociais e, sobretudo, incide-se nas práticas de preservação do patrimônio cultural.

A forma como os indivíduos vêem o lugar onde habitam e as transformações ocasionadas em virtude da atividade turística é de extrema importância na perspectiva de reorientar o seu desenvolvimento. A análise das diversas formas de apropriação e redefinição dos conteúdos simbólicos dos lugares pelos viventes aprofunda as discussões e debates sobre a relação turismo e patrimônio cultural, possibilitando que as futuras intervenções nos sítios históricos possam efetivamente resgatar espaços inutilizados (ou subutilizados), os conteúdos culturais a ele subjacentes e renovar a paisagem urbana, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes.

## **2. Patrimônio: lugares de memória e lugares do turismo**

A ampliação do conceito de patrimônio permite novas possibilidades de interpretação do legado histórico e uma nova acepção que ratifica a diversidade e pluralidade da existência humana, e a indisociabilidade entre os grupos sociais e o meio ambiente no qual eles estão inseridos. Além dos construtos humanos de valor excepcional, paisagens naturais, sítios arqueológicos, e artefatos originários das classes populares, tais como terreiros, mercados, vilas, feiras, inserem-se nessa nova abrangência do campo patrimonial. No que concerne ao patrimônio edificado, segue-se uma nova visão na qual a existência e a preservação de bens isolados e monumentais não se tornam suficientes para se compreender o contexto sócio-cultural de sua produção:

A cidade passa, assim, a ser vista como construção histórico-cultural, como patrimônio de seus moradores, como espaço de memória. A cidade enfim é monumento e é documento (...) Ela é o lócus continuum de cultura, onde natureza, construção material, símbolos e

significados e representações se constroem em diversidade e em harmonia (MENESES,2006,p.86-87).

A ambiência e o conjunto formado pelas construções históricas revelam simbologias e representações que atualmente estão sendo consideradas nas estratégias de preservação de bens culturais. Os artefatos materiais aludem às reminiscências que conferem aos grupos sociais o sentimento de pertença e de enraizamento a uma sociedade, por conseguinte, de territorialização. Assim, o patrimônio arquitetônico dotado de sentido e de afetividade associa-se a concepção de lugar:

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja (...) o lugar antropológico, é simultaneamente, princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (AUGÉ, 1994, p.51).

Essa concepção denota que o lugar consiste numa construção social em permanente estado de transformação, onde os diferentes atores interagem entre si, e o resultado ou somatório de tais relações está imbricado de significados. Tais significados equivalem a um aporte referencial de valores, posturas e códigos culturais que transcendendo a existência concreta, tornam-se elo de ligação dos contemporâneos a um passado socialmente construído, e destarte, portador de uma memória e de uma identidade coletiva.

Outro aspecto relevante na formação dos lugares diz respeito à dimensão social ou o fator humano que se associa aos espaços construídos, ou seja o relacionamento entre os grupos sociais e os lugares, produz um processo de identificação, vinculação, e apreço ao lugar, o valor da topofilia, o que segundo Tuan (1980, p.107) “ pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão”.

O lugar, portanto, internaliza-se nos sujeitos através do sentimento de pertencimento, por aludir aos processos de desenvolvimento das sociedades que propiciam aos seus membros o sentido de estar no mundo, em virtude das reminiscências que lhe são intrínsecas. Daí advém à diferenciação entre os lugares, em termos de tipologias urbanas, usos e ocupação do solo, características adaptativas em relação à situação geográfica, e do legado cultural impresso nos lugares, resultante das diferentes experiências humanas.

A conjugação dos bens patrimoniais construtores de identidade e detentores de um forte componente simbólico contribui para a incorporação de localidades históricas ao processo de desenvolvimento do turismo. O objetivo precípua do turismo cultural reside em acrescer o nível de compreensão entre membros de diferentes culturas a partir da apreciação e do contato com diferentes temporalidades históricas e formas de vivência em sociedade materializadas no acervo cultural de uma determinada comunidade.

A atividade turística vem se configurando num importante agente promotor de desenvolvimento social e econômico, e de alcance da sustentabilidade em diversas regiões. É factível que a inserção de localidades no circuito do turismo cultural oferece possibilidades de revitalização do acervo arquitetônico através da valoração e da potenciação de determinados elementos e atributos constitutivos do patrimônio cultural local. Entretanto, com o advento do turismo, o lugar, anteriormente vinculado estritamente às atividades de vivência, trabalho ou moradia pelos seus moradores, altera o seu significado, cujo reflexo pode ser percebido nas simbologias e no tipo de relacionamento evidenciado entre os moradores e seu patrimônio. As alterações na dinâmica sócio-cultural em virtude do turismo influenciam diretamente a percepção dos moradores em relação aos seus impactos sobre o patrimônio cultural, e notadamente em seu nível de comprometimento em relação à preservação dos bens patrimoniais.

Diante deste cenário mais amplo realizou-se uma pesquisa de campo entre os meses de agosto e setembro de 2007, junto aos moradores do Centro Histórico de São Luís-MA no intuito de analisar as representações comunitárias acerca da turistificação do bairro da Praia Grande. A importância deste sítio urbano remonta aos séculos XVII, XVIII e XIX, períodos em que a cidade de São Luís vivenciou um período de efervescência sócio-econômico e cultural, com seu posterior declínio, resultando num espaço cuja representatividade em temas de manutenção dos aspectos tradicionais da cultura local e de preservação do acervo arquitetônico alicerçou a sua incorporação à atividade turística, sobretudo nos anos de 1990.

### **3. Protagonistas ou Figurantes? Os moradores da Praia Grande e o Turismo**

Sendo o bairro da Praia Grande o universo do referido estudo, elegeram-se como os sujeitos da pesquisa os moradores situados na área intitulada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. Foram realizadas 70 entrevistas semi-diretivas junto aos moradores da área, baseadas num roteiro preliminar. Este roteiro, composto por 20 questões, nas quais abordou-se o perfil populacional, as relações entre a comunidade e o patrimônio, e a relação entre turismo e preservação. Com base nas entrevistas realizadas podemos caracterizar da seguinte forma o perfil dos entrevistados: no que diz respeito ao sexo houve um equilíbrio entre as categorias masculino e feminino. Em relação à faixa etária, observou-se que a maior parte dos informantes (80%) situa-se entre 18 e 40 anos de idade, refletindo a baixa presença de pessoas mais velhas na área que corresponde a mais antiga da cidade. Esses resultados assinalam que no processo de revitalização do Centro Histórico de São Luís, a população tradicional foi realocada

para outras áreas, fato que contribuiu para a convergência de grupos sociais que poderiam contribuir para um novo direcionamento ao bairro da Praia Grande.

Dentre os moradores e trabalhadores entrevistados, a maior parte está vivendo e realizando alguma atividade no bairro há no máximo 10 anos (75%). Esse fato constitui-se num reflexo da atual política de revitalização do Centro Histórico implementada pelo governo estadual, a partir da qual estimula-se a habitação urbana nessa área, por intermédio de sorteios entre os servidores públicos. Pelo fato desse programa não demonstrar preocupação em relação às pessoas que trabalham no local há mais tempo, pode vir a dificultar não apenas a preservação do Patrimônio como a própria revitalização do local, já que alguns cidadãos não possuem vínculo estreito com o Centro Histórico.

No que se refere à escolarização, percebeu-se que parcela significativa possui apenas o 2º grau, reflexo do baixo nível de escolaridade da maior parte da população brasileira, na qual poucos têm acesso ao ensino superior. Tal fato reflete, inclusive, nas principais funções desempenhadas pelos moradores na Praia Grande; a maioria desenvolve atividade relacionada ao turismo (60%), sendo que as principais funções desempenhadas estão relacionadas ao comércio em geral (60%), ou seja, à comercialização e a venda de diversos produtos e serviços, seguido da atuação no atendimento ao público como garçons em bares e restaurantes (20%) e em lojas de artesanato (20%) existentes no local.

Essas funções correspondem a empregos que exigem pouca qualificação técnica. Conforme nos advoga Krippendorf (2001), nos espaços turistificados a mão-de-obra local comumente não é absorvida pelos equipamentos que ali se instalam, sendo lhes conferida as funções que exigem pouca ou reduzida especialização, fato que contribui para que os agentes locais busquem formas alternativas para a sobrevivência. Embora, segunda a pesquisa, o turismo

não se constitua a única atividade exercida para a obtenção da renda familiar, dada a sazonalidade imanente ao setor, ressalta-se, porém, que a atividade turística reforça a vocação comercial que sempre esteve presente no bairro da Praia Grande, fato que também estimula a continuidade de atividades ligadas a esse setor. Assim, deve-se pensar o turismo “não apenas como uma atividade de lazer, educação e economia, mas encará-lo como um fato social total, pois todas essas esferas da vida social estão em contato” (LOPES, 2001, p.82).

Quando indagados à respeito da primeira imagem que os interlocutores associam à Praia Grande, foram apontados os seguintes atributos: o conjunto arquitetônico, abrangendo os casarões antigos e a disposição das ruas ( 70%); a tradição cultural, em virtude de São Luís ser uma cidade Histórica (20%), e um número irrisório apontou a beleza do Centro Histórico (10%). Nota-se que os moradores enfatizaram aspectos visuais e estéticos que tipificam o núcleo urbano inicial de São Luís, em detrimento dos valores subjetivos construídos na relação habitante/lugar e que poderiam evocar sentimentos de pertença e de apreço ao bairro. Yi-Fu Tuan (1980, p.107) observa que “mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida”. Assinala-se também que a ausência de um sentimento topofílico, em certa medida, é resultante do período relativamente recente desses moradores na Praia Grande.

Dentre os aspectos do bairro que traduzem uma identificação com os moradores, as percepções recorreram freqüentemente ao estilo e à beleza arquitetônicos (70%) representados pelo “colorido dos casarões”, destacados como arquétipos de sua “onipotência” e “símbolo da ocupação portuguesa”; em seguida, a ênfase recai na tradição azulejar que individualiza o Centro Histórico (20%). Paralelo aos elementos corpóreos, alguns informantes (10%) ressaltaram “o

clima e a atmosfera dos períodos passados”, ou seja, a ambiência dos tempos áureos ainda presente na tessitura urbana. Nas palavras de Pesavento (2002, p.27):

Os traços do passado lá estão, na sua materialidade, na sua presença visual e passível de reproduzir uma experiência sensível, mas é pelo olhar de quem rememora que se pode dar a ver uma ausência, converter o *velho* em *antigo*, ou seja, fazer de um espaço, transformado, destituído e mesmo vazio, uma construção no tempo portadora de vida, porque é reconhecível como tal. É só pelos olhos da memória que é possível ver, mesmo na ausência, material do traço ou resto do passado, a presença daquilo que já foi. Neste sentido, ao passar por uma rua, ou parar diante de um prédio, é possível enxergar não a concretude daquilo que se oferece à vista, mas a presença daquilo que não mais ali está.

O turismo, ao revelar para os moradores as especificidades do patrimônio e da cultura local, os quais em alguns casos poderiam se tornar imperceptível pelos que ali vivem dada à convivência e a rotina cotidiana de trabalho, contribui para a ressignificação do olhar da comunidade em relação aos bens culturais e, sobretudo, propicia o resgate de aspectos tradicionais da cultura, da história e da memória local.

Em se tratando da vivência na Praia Grande, a maioria dos entrevistados considera a moradia prazerosa e agradável (70%), sendo unânime a associação da Praia Grande como um bairro tranquilo, pacato, conforme segue as impressões de alguns informantes: “há uma tranquilidade presente no local”, “me sinto bem com a ausência de barulho”, “o ritmo de vida no bairro é mais lento” quando comparado aos demais bairros de São Luís.

O Centro Histórico, neste contexto, possui uma imagem já construída de diferentes formas por cada habitante, mas de um modo geral, é unânime afirmarmos que São Luís transmite a imagem de uma cidade “calma”, com atrativos naturais diversificados e cultura peculiar nativa, constituindo-se no *slogan* turístico que fomenta a economia local.

Compreende-se o fato de que os atuais moradores não consideraram a possibilidade de abandonar o local para viver em outras áreas (75%), porém vale ressaltar os motivos que favoreceriam uma possível mudança de bairro para a minoria dos informantes, os quais se

relacionaram à “violência crescente” e a “falta de segurança no local”. Yi-Fu Tuan (1980, p.249-250) observa que

Em grande parte as pessoas estão satisfeitas com sua área residencial. Para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição. Os recém-chegados estão mais inclinados a manifestar descontentamento (...) as razões dadas porque gostam de sua área tendem a ser gerais e abstratas, ao passo que as razões dadas por não gostarem são mais específicas e concretas. Satisfação parece ser uma palavra mais fraca: pode significar um pouco mais que ausência de irritações persistentes.

As respostas assinaladas foram, em sua maioria, decorrentes da inter relação evidenciada entre a Praia Grande e a atividade turística. Os moradores entrevistados indicaram que preferem a Praia Grande após o advento do turismo (95%), uma vez que conforme apontado, a maioria desenvolve atividades econômicas direta e indiretamente relacionadas a essa atividade. Considera-se ainda para análise a constatação de que a maioria dos entrevistados não experienciaram as mudanças transcorridas no bairro da Praia Grande, dada a faixa etária em que se situam.

No que reporta à eleição do Centro Histórico de São Luís como Patrimônio Cultural da Humanidade, mesmo aquelas pessoas que desconhecem os motivos que levaram São Luís a tornar-se Patrimônio da Humanidade, em sua grande maioria (70%) considera o título importante; principalmente em virtude de atrair turistas (60%). Em menor escala (40%) estão as pessoas que consideram o título importante enquanto fator de memória da comunidade. Isto reflete a pouca identificação da comunidade local como parte integrante do Patrimônio.

Essa evidência torna-se perceptível quando analisamos as formas de apropriação do espaço da Praia Grande pelos moradores. Estas se restringem às atividades profissionais; de acordo com alguns informantes a frequência de utilização dos serviços de lazer e entretenimento na área é reduzida, limitando-se à uso das praças para fins de lazer, encontros e conversas com

amigos de forma esporádica, ou a fruição de manifestações populares tradicionais, como o Tambor de Crioula, nas proximidades da Casa das Tulhas (antiga Feira da Praia Grande):

Gosto de aproveitar o final da tarde para ver as danças das coreiras e os tambores rufando, para encontrar os conhecidos, mas não é todo dia que isso é possível. A movimentação acontece apenas alguns dias na semana, no resto do dia a gente trabalha para sobreviver. O lazer aqui é somente para uns poucos. (Souza, 29 anos).

A partir da afirmação esboçada acima existe uma dicotomia entre trabalho e lazer, sendo que esta última categoria não tende a ser aplicada ou possuir sua correspondência na Praia Grande. Destaca-se também a insuficiência de equipamentos destinados ao lazer e entretenimento noturno dos moradores, e por extensão dos visitantes, sobretudo nos finais de semana, o que limita a permanência destes últimos em São Luís, bem como as oportunidades de desenvolver os valores de sociabilidade nos espaços relacionais existentes no Centro Histórico da cidade.

Como as comunidades desempenham papel fundamental para o advento do turismo em qualquer localidade, é necessário promover melhorias na área social. Nesse sentido, decorre a necessidade de se criar ações no intuito de incorporar aquelas comunidades socialmente marginalizadas na vivência cotidiana do local a qual pertencem:

Nos espaços turísticos criados artificialmente em área de pequeno contingente populacional faz-se um programa para a captação da população fixa, indispensável como força de trabalho. Invariavelmente essa população é fixada nas áreas menos nobres do núcleo turístico, em local, se possível, não visível para os turistas. Essa é quase marginalizada não tendo acesso aos equipamentos implementados no núcleo. Nos espaços turísticos sofisticados geralmente não há lugar para a população residente (RODRIGUES, 2001, p.92).

Diante do binômio turismo e patrimônio, percentual significativo dos moradores (65%) não costuma freqüentar equipamentos turísticos disponibilizados na área. O principal motivo apontado referiu-se à política de preços praticada por esses estabelecimentos (70%), em

especial os restaurantes, seguidos em menor número a falta da segurança (30%) e a presença de turistas (10%).

Os moradores consideram injusto a cobrança demasiadamente elevada de alimentos para o consumo da comunidade local, no entanto, para alguns esse mecanismo torna-se aceitável quando os preços elevados dirigem-se aos turistas em passeio pelo Centro histórico da cidade, como registra o seguinte informante:

Se fosse para alguém que não é daqui de São Luís eu acho bom, mas para nós aqui, que somos da comunidade é uma falta de respeito muito grande. Para quem pode pagar, como os brancos que sempre vêm por aqui, tudo bem, porque eles (no caso, os donos dos restaurante) também precisam sobreviver.... Só quem pode comprar com esses preços inflados aí são os que vem de fora. ( Aparecida, 37 anos, )

Há casos em que casarões foram recuperados para atender a demanda turística; como exemplo significativo, tem-se o “Armazém da Estrela”, um equipamento turístico que agrega agência de viagem, restaurante, livraria, antiquário, cafeteria, além de um salão para eventos diversos. Lembramos Canclini (1983), quando este autor enfatiza que a atividade turística impõe a premissa da coexistência do presente-passado, do primitivo-moderno, no intuito de atribuir autenticidade ao Patrimônio, agora revestido por uma nova funcionalidade. Indaga-se ainda o nível de participação da população situada em seu entorno nos produtos e serviços disponibilizados por este equipamento. Ruschmann (1997) e Krippendorf (2001) indicam que a inflação configura-se como um dos principais impactos negativos da atividade turística nos núcleos receptores, ressaltando que a privatização dos espaços turísticos a um público seletivo e que detém um padrão de vida elevado, impossibilita a participação efetiva da comunidade, ao tempo em que se evidencia uma clara distinção no que se refere à oferta de produtos para o consumo estritamente turístico.

O planejamento das cidades históricas deve privilegiar o atendimento das necessidades e expectativas da comunidade, enquanto um dos pressupostos necessários para evitar a formação de espaços desvinculados da realidade comunitária. Observa-se, de forma inicial, entre os moradores da Praia Grande a inflação enquanto impacto negativo da atividade turística, inviabilizando o acesso destes à aquisição de produtos e serviços, o que pode comprometer o nível de aceitação da população residente em relação ao turismo, “com as comunidades anfitriãs chegando a considerar que o poder de compra dos turistas representa uma ameaça à sua cultura e tradição (AZEVEDO,2001, p.162), e assim, comprometer o processo de desenvolvimento local.

Os moradores afirmam não se incomodarem com a presença de turistas na área (90%), além de ressaltar que a atividade turística fomenta e dinamiza o comércio informal, sobretudo quando da realização de festejos populares, como o Carnaval e o São João- períodos que correspondem à alta concentração de turistas na cidade de São Luís. Os entrevistados não apontaram mudanças significativas no seu estilo de vida em decorrência da presença de turistas na Praia Grande (80%), posto que há um nível crescente de interesse por desenvolver a atividade turística como estratégia para a elevação da qualidade de vida da comunidade do Centro Histórico.

A partir dessa assertiva pode-se inferir que as mudanças quase imperceptíveis provocadas pela atividade turística no ritmo de vida dos moradores do Centro Histórico deve-se à constatação de que o contato intercultural entre moradores e visitantes revela-se de forma incipiente, uma vez que a maior parte dos moradores (80%) afirmou nunca ter participado de atividades culturais (cursos, oficinas, apresentações culturais) na companhia de turistas. A ausência de interacionismo e a descentralização espacial entre moradores e visitantes constituem-

se numa das principais problemáticas e que influem diretamente no valor positivo associado a essa atividade.

Na medida em que a cultura local transforma-se em mercadoria, ou seja, o patrimônio cenariza-se para e pelo turismo, perde-se os elementos substanciais e necessários ao pleno desenvolvimento dessa atividade, ao tempo em que reduz os laços de afetividade dos residentes em relação ao seu patrimônio. Entretanto, os sujeitos pesquisados demonstraram interesse em compartilhar experiências com os visitantes, caso houvesse possibilidade, o que na visão de alguns poderia enriquecer a cultura e os valores locais:

Mostrar a nossa riqueza para os turistas é valorizar a nossa cultura, a nossa gente, nossa tradição. A nossa cultura é muito forte e o turismo, essa atividade, visa tudo isso. Para gente que lida diretamente com a cultura, o turismo só tende a fortalecer a cidade. ( Maria do Carmo, 32 anos)

Considerando o fato do Centro Histórico ser referencial para todos os turistas que chegam na cidade e ali se perceber a maior concentração destes, um número considerável revelou ter contato com visitantes, por intermédio da prestação de serviços de informações turísticas quando solicitados (95%). Dessa forma, é comum que as pessoas de outras localidades busquem informações sobre a região visitada, seja para uma maior mobilidade e acesso aos atrativos locais, seja para obter um maior aprendizado em relação aos costumes do destino foco de apreciação.

Observou-se que um número bem considerável de informantes reconheceu que o turismo na área apresenta-se em estágio regular de desenvolvimento. De fato a sua expansão se deu recentemente com a obtenção do título de Patrimônio da Humanidade e com uma política sistemática voltada para o turismo. Percebe-se que há uma intensa campanha de marketing dentro e fora do estado com relação à atividade, entretanto, apesar da comunidade do Centro Histórico perceber a relevância do turismo para a cidade e estar inserida na área de maior atração turística, a maior parte dos entrevistados (60%) revelou que não está obtendo algum benefício

com o desenvolvimento dessa atividade. Aqueles que não perceberam benefícios decorrentes do turismo apontaram como principais impactações a baixa venda de artigos para o consumo dos visitantes (50%), o aumento da violência (30%) e a depredação do patrimônio arquitetônico (20%). Esses resultados estão dispostos na tabela a seguir:

Se o turismo é um meio de promoção do desenvolvimento de uma localidade, é essencial que os seus resultados sejam estendidos a toda comunidade, até mesmo porque a atividade depende desta. Embora a população do Centro Histórico ainda não tenha sido contemplada diretamente com os benefícios do turismo, esta não se mostrou arredia à presença da atividade. Talvez em virtude de reconhecer que o turismo ainda encontra-se em fase de expansão e que só futuramente será possível usufruir de suas benfeitorias.

O turismo como prática econômica precisa, no entanto, encontrar formas mais respeitadas de se inserir no cotidiano das comunidades receptoras. É fundamental que os investimentos sejam adequados à vocação do lugar, possibilitando à população participar e usufruir de seus resultados. (MURTA, 2002, p. 10).

Constatamos que uma pequena parcela dos entrevistados, no que concerne a essa questão, reconhece que de fato o turismo contribuiu para a melhoria de vida na área. Os moradores perceberam as benesses sociais, por exemplo, ao apontarem que houve a urbanização do bairro da Praia Grande (50%), além de melhoramentos na infra-estrutura urbana, com a “recuperação da iluminação pública”, “instalação de esgotamento sanitário” (25%) e a valorização crescente da área (25%).

Tendo em vista a necessidade de preservar o patrimônio e possibilitar o seu aproveitamento para o turismo esses investimentos urbanísticos foram viabilizados. Logo, é eminente que haja políticas voltadas para o patrimônio e o turismo, inserindo a comunidade local

em um contexto informativo, cujos resultados sejam não apenas percebidos por ela, como também possam vir a estimular o fortalecimento de sua identidade.

Quando questionados a respeito da importância de preservar o patrimônio local, mais da metade (60%) acenou positivamente, atribuindo essa necessidade como fator possibilitador do maior desenvolvimento do turismo (65%) e pelo fato do acervo arquitetônico representar um momento importante da história de São Luís. (35%). Ressalta-se que este último indicativo não se constitui como fator de vinculação dos moradores a uma memória e identidade em comum presente no bairro da Praia Grande, mas um valor que se refere a totalidade dos habitantes da cidade de São Luís de uma forma geral. Na visão de Portuguese (2004, p.08):

O sentido de preservação do patrimônio é muito mais amplo que propriamente a possibilidade de ser econômico por meio do turismo. a preservação, nessa perspectiva, vincula-se à manutenção da memória, à conservação das tradições pela – e para – a população de determinada localidade.

Assim, embora esses moradores e trabalhadores estejam inseridos no Centro Histórico, a identificação com a área não é forte o suficiente para se sobrepor àquela compartilhada por moradores de outros bairros de São Luís. Essa constatação reflete também a ausência de um sentimento de pertença à área do Centro Histórico, pelo fato desses moradores não se reconhecerem como parte integrante do Patrimônio, já que o vinculam principalmente à fruição turística.

No que diz respeito à responsabilidade pela preservação do patrimônio, embora muitos ainda atribuam esse papel somente ao Estado (35%), a maior parte reconhece que tal função deve ser desempenhada por todas as esferas da sociedade (40%). Assim, percebe-se que houve uma evolução na conjuntura político-social, até mesmo como reflexo das novas tendências baseadas em ações compartilhadas, nas quais todos têm uma função e importância na manutenção

do patrimônio. A população não apenas vem assumindo a sua parcela de responsabilidade com também dispõe de informações referentes aos cuidados com o patrimônio.

Esse fato pode ser percebido na atuação dos viventes para a preservação do patrimônio; 80% afirmaram que atuam positivamente na conservação do patrimônio zelando-o, ou seja, mantendo-o limpo e não depredando (50%). Já outros vincularam sua atuação à conservação dos prédios, inclusive mantendo as características histórico-culturais dos locais onde moram ou trabalham (20%). Além desses, consta ainda aqueles que buscam sensibilizar outras pessoas a conservarem o acervo arquitetônico (15%) e os que contribuem na fiscalização do patrimônio (15%).

No caso do bairro da Praia Grande os moradores, de acordo com a pesquisa, desenvolvem práticas preservacionistas visando, sobretudo auferir vantagens econômicas por intermédio do afluxo de turistas. O patrimônio, que deveria vincular-se à identidade dos atores locais, é apreendido como um bem passível de ser comercializado, ou seja, a preservação torna-se importante para o turismo, como demonstra a profusão de não-lugares em nível nacional.

É inegável que muitas iniciativas estão sendo tomadas para a recuperação do patrimônio edificado de São Luís e que medidas, como o tombamento, estimulam a sua proteção, entretanto Pires (1994, p.319) afirma que “a falta de integração entre políticas de cultura e de turismo pode inibir a eficácia das medidas de proteção.” Mesmo que ainda não haja constatação desse caso na área patrimonial de São Luís, é necessário que a população esteja informada sobre os aspectos positivos e negativos do turismo e como deve ser a sua relação com o patrimônio. Dessa forma, ela pode vir a evitar que posteriormente haja uma desintegração entre ambos, principalmente quando a atividade turística estiver consolidada na cidade.

#### 4. Considerações Finais

A ressignificação do bairro da Praia Grande como elemento de atratividade turística conduz ao estabelecimento de novas relações entre a comunidade próxima aos bens tombados e seu patrimônio, produzindo novas territorialidades, que afetam, em maior ou menor grau, o cotidiano da comunidade.

Com base nas entrevistas realizadas, os moradores do bairro da Praia Grande não detêm um vínculo afetivo com o patrimônio cultural, considerando-se os valores, símbolos e significados que a Praia Grande se reveste para esses atores. Esse fato pode ser compreendido em face ao tempo de vivência relativamente recente na área, ao uso deste espaço ser eminentemente turístico, e na constatação de que as práticas preservacionistas impetradas ao patrimônio pela comunidade estão baseadas, no revide econômico proporcionável pelo turismo.

O contato entre moradores e visitantes processa-se de forma superficial, limitando-se à prestação de informações sobre os atrativos turísticos da cidade, não sendo verificadas a utilização de equipamentos de cunho turístico pelos moradores do local, e a participação efetiva destes em atividades associativas em interação com os visitantes, o que implica na não-relação entre esses dois grupos sociais, e conseqüentemente, a inexistência de uma reciprocidade cultural capaz de beneficiá-los mutuamente.

Ainda, parcelas significativas da população entrevistada atribuem somente ao Estado a tarefa de preservação e conservação do acervo arquitetônico. No tocante ao grau de consciência turística, os informantes consideraram que São Luís encontra-se em um estágio regular de desenvolvimento do turismo, e que os benefícios provenientes dessa atividade estão vinculados

principalmente à melhoria da renda. Ainda assim, a maior parte da comunidade não visualiza a existência de benefícios concretos com o advento do turismo na cidade.

Existe, pois a necessidade de se prover uma atuação conjunta não somente entre os órgãos públicos e os moradores do Centro Histórico, mas também com a comunidade situada além de seu entorno, a fim de que esta se perceba como agente integrante e protagonista do contexto econômico e social de São Luís, e assim, possa exercer de modo mais atuante o seu papel na continuidade do Patrimônio Cultural da cidade.

O Turismo Cultural deve ser entendido como uma atividade capaz de agregar valor aos bens culturais, e nesse contexto, a gestão do turismo sustentável pressupõe a inserção comunitária em todas as etapas do processo. Torna-se necessário fortalecer os vínculos da comunidade em relação ao seu patrimônio cultural, através de ações de sensibilização e de educação patrimonial.

Acreditamos que a revitalização dos Centros Históricos deve salvaguardar as características estéticas das construções, fortalecendo a identidade e o sentimento de pertença da população em relação aos espaços requalificados para o turismo. Manter as particularidades locais e inserir a população local no desenvolvimento do turismo consubstanciam-se em condições necessárias, e que devem ser incorporadas ao processo de reabilitação dos sítios urbanos, enquanto elementos norteadores para a promoção de um desenvolvimento turístico balizados nos princípios da sustentabilidade.

## Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução à uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994.

APARECIDA. J.C entrevista concedida em agosto 2007

AZEVEDO, Júlia. Turismo Cultural: traços distintivos e contribuições para o desenvolvimento endógeno. In: Irving, Marta de Azevedo;AZEVEDO, Júlia (orgs). **Turismo e o desafio da sustentabilidade**. São Paulo:2001. p.149-165

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo (org). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002. p.25-36.

CARMO. M. A. entrevista concedida em agosto 2007

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Banalização do patrimônio cultural e as conseqüências perversas para a vida na cidade. IN: MARTINS, Clerton (org). **Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006. p.17-29

CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. Patrimônio histórico e Artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar. In: YÁSIGI, Eduardo (org). **Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec,1996. p100-113.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

LÓPEZ , Tânia. Fragmentando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto. In: BANDUCCI, Álvaro; BARRETO, Margarita. **Turismo e Identidade Cultural: uma visão antropológica**. São Paulo: Papyrus,2001. p.65-88.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.) **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Território Brasilis, 2002. p.139-151.

OLIVEIRA, Diney Adriana Nogueira de. Turismo de Consumo: a quarta geração turística. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (orgs). **Turismo: 09 propostas para um saber-fazer**. Rio Grande do Sul, Edelbra, 1998. p. 88-98.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Revista do NEHAC – Núcleo de Estudo em História Social da Arte e da Cultura**.n.4, vol 4, 2002. 23-35 p.

- PIRES, Maria Coeli Simões. **Da Proteção do Patrimônio Cultural**. São Paulo: Del Rey, 1994.
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Turismo Memória e Patrimônio Cultural** São Paulo: Roca, 2006
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- SOUZA, J. entrevista concedida em agosto 2007.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980